

A trajetória do dado fenomenológico (1874-1945): De Brentano a Merleau-Ponty, o panorama das ideias e as polêmicas

The path of the phenomenological data (1874-1945): From Brentano to Merleau-Ponty, the horizon of ideas and quarrels

Paulo Henrique Reis de Sena

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)¹

26

RESUMO

O artigo versa sobre a aparição e os desdobramentos de algumas, dentre as principais abordagens da fenomenologia, no que se refere ao problema do sentido intuitivo do dado fenomenológico. Qual sua natureza? Como deve ser teorizada sua objetividade? Bem como, o sentido de sua imediaticidade? É um artigo bastante simplificador do problema, no qual se tem como objeto apresentar a dinâmica do trabalho fenomenológico no período entre 1874 e 1945 a partir de uma brevíssima exposição das polêmicas internas da tradição fenomenológica, com uma sublocação das características do conceito e destas querelas.

PALAVRAS-CHAVE

Dado; fenomenologia; intuição; intencionalidade; polêmicas

ABSTRACT

The article is about the emergence and the development of some, among the main approaches of phenomenology, regarding the problem of the intuitive sense of the phenomenological datum. What is its nature? How should its objectivity be theorized? As well as the meaning of its immediacy? It is a rather simplifying article on the problem, in which the object is to present the dynamics of phenomenological

¹ E-mail: phreisdesena@gmail.com

work in the period between 1874 and 1945 from a very brief exposition of the internal polemics of the phenomenological tradition, with an underlining of the characteristics of the concept and of these quarrels.

KEYWORDS

Data; phenomenology; intuition; intentionality; quarrels;

INTRODUÇÃO

Este pequeno artigo tem uma intenção polêmica e uma intenção panorâmica sobre a história das ideias em fenomenologia. Por um lado, no que tange ao último ponto, visa sinalizar, de modo superficial, sobre a trajetória do problema filosófico da natureza do dado da consciência ². Essa questão, que é fundamental para uma tradição inteira do pensamento filosófico (a Fenomenologia), mas que, além disso, remonta aos primórdios da filosofia possui um cerne problemático, que é o sentido do conceito de intuição. A ideia de intuição, tal como proposta através da tradição do pensamento filosófico e também no senso comum, é tomada na maioria das vezes, como um tipo especial de acesso às coisas ou um tipo de capacidade ou função mental. Mas, também é possível pensar o intuir como um aparecer místico de uma voz interna que guia para um saber mais elevado (HINTIKKA, 2003). Intuir, nesta concepção é ter um raciocínio especial, um tipo de luz espiritual, que não pode ser algo comum, como talvez sejam os pensamentos e as sensações normais do dia a dia. A visão panorâmica que será elaborada não envolverá uma análise genética ou etimológica deste conceito, nem mesmo uma diluição semântica e antropológica de sua apropriação histórica, o que seria tarefa hercúlea. A paisagem intelectual circundará somente pelos idos do Séc. XIX e o vindouro Séc. XX, tratando de caracterizar pontualmente a abordagem sobre o que se chama dado da consciência em alguns dos nomes centrais da tradição fenomenológica. Portanto, fixa-se o olhar no período do questionamento fenomenológico sobre a natureza do dado, destacando o sentido da nova proposição do conceito de intuição, bem como, correlativamente, de conceitos como objetividade, realidade e imediaticidade. Na medida em que os elementos aparecem para indicar o sentido descritivo da intuição fenomenológica, ao mesmo tempo as posições são declinadas de modo peculiar e a tradição se conforma pelas ações e reações a determinadas derivações de trabalho. É sempre assim em filosofia e, deste modo, pretende-se mostrar a peculiaridade da polêmica e concluir em torno de uma possível chave de leitura sobre a natureza daquilo que não se resolve no que tange ao sentido intuitivo do dado nas pesquisas com viés fenomenológico.

27

² Parafraseando Bergson, a questão sobre: "os dados imediatos da consciência".

1 A NATUREZA DO DADO FENOMENOLÓGICO

Para a filosofia moderna, o que nós indicamos na fenomenologia como dado intuitivo deve ser pensado ou postulado na forma de uma substância realmente existente *in mente*. O que existe e produz o sentido de realidade para nós são representações, categorias lógicas, formas imaginativas e mesmo as formas da intuição sensível. Todas essas coisas podem e muitas vezes são reduzidas à subjetividade e serão objeto de estudo na psicologia. Por outro lado, toda uma tradição pensou o mundo material como dado absoluto da realidade, fato empiricamente dotado de características ou qualidades que o tornam independente da consciência, mas, além disso, fonte de todos os momentos constitutivos da mente, desde suas funções e até sua organização estrutural (KÖHNKE, 2011).

Nesse momento histórico, o que se poderia batizar como dado é representado numa divisão sem solução possível, pois a questão para os filósofos no que se refere à natureza do que aparece é em geral o que determina com anterioridade e define o sentido da visada do conhecimento sobre o fenômeno. Se se parte do saber pertencente ao mundo interno e ou da parte que emerge do mundo externo, algo nessa correlação deve ter valor de verdade e o conteúdo adequado para a determinação da ciência. Essas ideias não levam a nenhuma crítica da ideia de intuição, pois na proposta idealista, o conceito continua sendo avaliado em termos de um tipo de função especial, uma luz que atua através do ente humano e cria as condições de possibilidade material do mundo. A crítica empirista ao idealismo leva sempre à desvirtuação pura e simples do conceito de intuição (HINTIKKA, 2003). O elemento ideal aparece ao empirista como um artifício mágico e místico, como já citado. Por outro lado, a crítica à teoria positivista e ao empirismo, que acreditam no acesso à realidade imanente do dado, pensado como fato científico, degrada a ideia de um dado intuitivo ao radicalizar o antirrealismo, distanciando o mundo intuído da representação que a fundamenta. Portanto, o dado em si mesmo e o sentido de uma compreensão intuitiva dos objetos não poderia ser tema para os filósofos modernos, que tem olhos voltados para a fundamentação de um saber válido cientificamente e instado como verdade absoluta em benefício de posições epistêmicas radicalmente contrárias (KIDDER, 1987).

A perspectiva de Brentano, bem como outras tentativas de escapar dos dualismos pós-cartesianos que surgem no Séc. XIX visam romper com essa forma de abordar o dado concreto ou empírico na ciência e em especial, na psicologia, de modo a postular o problema em outras bases (KÖHNKE, 2011). Brentano, que pode ser pensado como o "avô da fenomenologia" (STEGMÜLLER, 1977), pretende superar a apreensão substancialista do problema realizando uma dupla mediação em sua definição do dado: não se parte de nenhuma absolutização da imanência ou subjetividade, ao mesmo tempo em que é eliminada a necessidade de uma atribuição de realidade ao objeto externo. O objeto externo, real, já está sempre dado – intencionalmente intuído – no seu aparecer fenomênico à consciência. Todo

fenômeno, que Brentano, define como psíquico, de imediato, sempre e desde agora, está correlacionado a fatos. Não é necessário buscar uma fonte no mundo externo, realizando a mediação *pari passu* de associações entre estímulo sensível, produção imagética e pensamento. Nem é necessário também destituir os conteúdos mentais de sua validade enquanto fenômeno psíquico, qualificando a intuição como um aparecer místico. O que de fato ocorre é que se atribui a eles uma nova validade epistêmica:

Todo fenômeno psíquico é caracterizado pelo o que os escolásticos da Idade Média chamaram de inexistência intencional (ou ainda mental) e que nós poderíamos chamar – usando expressões que não excluem todo o equívoco verbal – relação a um conteúdo, direção para um objeto (sem que se entenda por isso uma realidade) ou objetividade imanente. (BRENTANO, 1944, p. 102) ³

Essa postulação de Brentano é o primeiro passo dado numa nova concepção do dado objetivo, agora fenomenológica e, portanto, intuitiva e intencional. Propriamente, o autor visava, em primeiro lugar, estabelecer um critério distintivo para o mundo interno, por comparação ao mundo externo, já que seu objetivo é fundar de um ponto de vista científico a psicologia. Para isso, a definição de fenômeno psíquico nascerá através de uma recondução e apropriação do conceito de intencionalidade (inexistência intencional), uma concepção advinda tradição medieval aristotélica. Aquilo através do que se conhece algo, a *intentio*, deve ser tomada como o movimento em direção às coisas mesmas, que implica na derivação de mero ver dos objetos no mundo, como uma visada que envolve o esforço de descobrir, desvelar ou mesmo alcançar a forma e a essência daqueles (COBB-STEVENSON, 1990). Uma *enteléquia* aberta para apreensão das formas dadas nos objetos materiais.

Já no que se refere ao método, Brentano deverá visar, em sua abordagem, superar a típica posição dual moderna. Essa postura é reverberada pelos psicólogos do Séc. XIX numa atitude epistêmica que pode ser chamada de introspeccionista. Acreditando pode ter a mesma certeza positiva sobre o fato psíquico, entendido como um tipo realidade imanente da subjetividade, os psicólogos introspeccionistas confiavam poder ter certo tipo de acesso observacional ao dado psíquico (FILHO, 2013) ⁴. Uma suposta super transparência do olhar interno, que poderia esclarecer a

³ Um dos pontos motivadores para uma discussão histórica da questão se deve à leitura da dissertação de FILHO, L. M. N. *Brentano e o conceito de objeto intencional: Uma leitura paradigmática a partir de Twardowski*. 102f. Dissertação de mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

⁴ Utiliza-se a palavra observacional para fazer referência à posição cientificista e fisicalista que embasa o pensamento positivista no Séc. XIX e leva os psicólogos dessa corrente a avaliação deste acesso à subjetividade, no que poderíamos indicar como uma tendência e postura mais concreta sobre os conteúdos dados *in mente*. Brentano apresentou os psicólogos que faziam parte desta perspectiva de trabalho como a corrente da Psicologia Experimental (psicofísica), por oposição à Psicologia Empírica, no sentido que ele busca enfatizar.

mecânica das funções mentais e suas relações. Há, em princípio, para Brentano correções na perspectiva positivista, uma vez que se busca ver o sentido dos atos mentais no próprio mundo interno, de modo científico, no momento presente. Mas, a caracterização assim desenvolvida leva à reificação do psiquismo e não a descrição dos atos em si mesmos. Com o conceito de intencionalidade, muda-se o estatuto desta "observação" possível dos objetos mentais. Dados mentais ou psicológicos não são observáveis como coisas ou objetos, mas "se mostram" imediatamente à nossa percepção interna e aparecem como intenções relativas a conteúdos no mundo e devem descritos em função desta correlação intencional.

Assim, Brentano começa a postular o sentido da evidência inequívoca dos atos e seu caráter intencional, e o faz, em princípio, de modo a não estipular nenhuma referência à realidade do mundo material, como condição para a fixação do conceito. Para Brentano, a evidência da intencionalidade é maior que o tipo de evidência da percepção externa, pela forma de sua imediaticidade e presença. Mas é importante destacar, não se trata aqui de uma posição idealista e nem antirrealista. Brentano destaca o sentido da objetividade do dado, definido em sua condição como "direcionamento a algo", tendo como natureza a imediata compreensão de seu significado como *intentio*. Toda *intentio* é remetida ao seu referente real, o objeto no mundo. Então, na análise do fenômeno psíquico, este objeto perde sua validade para a determinação da evidência fenomenal. O que resta é o direcionamento e a definição relativa das objetividades incluídas nos atos descritos.

30

As afirmações de Brentano serão, em função dessa forma de postular o conceito, recebidas de modo polêmico e crítico por seus principais alunos. Twardowski, Meingong e Husserl, por exemplo, irão reformular as postulações de Brentano sobre a intencionalidade, a partir de uma problematização sobre a natureza do objeto intencional: este "algo", que se conhece, direcionado dos sentidos intencionais descritos dos atos aos objetos. Deste modo, na esfera das diferentes respostas, o núcleo do questionamento irá se referir à paradoxal asserção de Brentano, que trata da definição de in-existência intencional – o conceito de intencionalidade – e, que, além do mais, possui um conteúdo ou um direcionamento, isto é, uma objetividade. Um dado imediato que contém uma objetividade, mas que não implica o sentido de uma realidade, como uma coisa ou como os objetos na realidade. Não era interesse de Brentano a análise das condições e possibilidades ontológicas e lógicas da definição em questão (FILHO, 2013). Ficou para os seus alunos e para a tradição fenomenológica a demanda. Daí que, senão todos, mas a maioria dos alunos de Brentano irá, de alguma forma, em busca da resposta sobre o sentido do preenchimento dessa objetividade ⁵.

⁵ Por exemplo, Twardowski cria, a partir da análise consequente do trabalho de seu professor Brentano, uma hierarquia ontológica dos objetos, que podem aparecer na hierarquia do ser como: 'Ser algo' (*Summum Gennus*) --> 'Ser existente' / 'Ser Não existente' --> 'Ser Real' / 'Ser Não-Real' --> 'Ser Possível' / 'Ser Impossível'. Obviamente o 'Ser Não Existente' leva a dedução ao 'Ser Não-Real' e ao 'Ser Impossível'. Se você for por outro caminho em direção à psicanálise, em Freud a questão da relação entre pulsão, representação tem relação

Em certo sentido, para os críticos, a ainda premente necessidade histórica de uma fundamentação da ciência psicológica fez Brentano se voltar para o problema ainda numa perspectiva psicologista e idealista, destacando a dimensão da intencionalidade como condição de fundamentação daquela ciência. Esse é um paradoxo inicial que batiza o descobrimento do sentido intuitivo da intencionalidade e que irá se fixar nas problematizações posteriores sobre o caráter do que se indica como dado fenomenológico. O direcionamento, sempre dado na intenção ao objeto é a formulação da distinção categorial do psíquico ao mundo físico, mas a primeira especificação fenomenológica da correlação e a determinação do sentido ontológico da objetividade irão desvendar e revolucionar a perspectiva sobre os dados intuitivos, como até então eram pensados. O caminho percorrido pelos autores na problematização, por outro lado, parece não ter superado certa cisma que permanece em função, do que podemos entender como sendo a questão da natureza da postulação e da origem do problema. E, esta suspeita reaparecerá na medida em que o dado é reelaborado na sua trajetória desde Brentano, até a absolutização desta desconfiança, na postulação da ambiguidade em Merleau-Ponty.

2 A DEFINIÇÃO DO DADO FENOMENOLÓGICO E A DERIVAÇÃO HUSSERLIANA

31

Em especial, Husserl irá desenvolver criticamente à postura do preceptor do problema da intencionalidade, uma inovadora análise sobre a questão do dado fenomenológico (COBB-STEVENSON, 1990). Aqui, o conceito de intuição toma frente como característica definidora dos fenômenos de tipo intencional ou psíquico. Em Brentano, em função de seus objetivos estritamente associados à definição empírica e científica do mundo interno, a busca por uma caracterização ontológica e lógica dos atos pode ser pensada como tendo sido colocada em segundo plano. Essa caracterização e um aprofundamento inimaginável da definição sobre as implicações ontológicas e lógicas de uma teoria dos atos será um dos planos de trabalho que guiarão o enorme projeto husserliano.

No que tange ao empenho aqui realizado, é importante destacar que o filósofo moravo indica no mote da fenomenologia *Zu den Sachen selbst* que a objetividade, por assim dizer, ganhará corpo, estará aí, em carne e osso, em sua plenitude e imediaticidade e não somente como uma definição para estabelecer o significado científico do campo psicológico. Essa ideia serve como princípio orientador (princípio dos princípios) para a compreensão do sentido intuitivo dado, em Husserl, por oposição a uma compreensão dedutiva, por exemplo, que seria um tipo de intuição de segunda ordem, envolvendo de antemão os atos compreensivamente esclarecidos (LECRERCQ, 2023).

direta com a forma da escolha de objeto, e, portanto, com a manifestação do desejo e das vicissitudes libidinais.

Para a caracterização completa do sentido do aparecer intencional é estabelecida uma tarefa descritiva com implicações variadas. Em primeiro lugar, entender o significado do conceito de in-existencial intencional, como o sentido do ato da consciência. O aparecer fenomênico que caracteriza o direcionamento ao conteúdo do mundo, não é uma função e não é uma mística iluminação. Representa o caráter tético dos atos, situado como o mero olhar para o mundo, sempre e toda vez preenchido e a se preencher no fluxo do próprio advir das intenções. Aqui se situa o sentido da consciência intencional e uma ontologia muito específica da consciência e da temporalidade da consciência. Ao mesmo tempo, o sentido daquilo que aparece na performance dos atos e que fica como mero situar da objetividade ganha um novo campo de exploração lógico e ontológico. O conteúdo, o algo que se forma numa visada qualquer do mundo, ganha um novo sentido de objetividade em Husserl. As descrições estipulam as camadas de objetividades em função dos modos diferenciados de aparecer das experiências. Passa-se a localizar numa variedade de formas de preenchimento intuitivo o sentido daquele dado e fenômeno da consciência em sua espécie própria, enquanto atos ⁶.

Husserl irá chamar esse conjunto de intenções e seus diversos modos de preenchimento de vivências intencionais, caracterizando de modo mais consequente o sentido imediato, objetivo e compreensivo do dado intuitivo e fenomenológico. Essa é uma forma de postular a própria experiência cotidiana do mundo, de modo a descama-la em vários modos de predicação e significação, podendo também recompô-los, de maneira que seja possível repensar o próprio sentido do fato mundano de que algo apareça como vivência intencional para nós. E é uma conquista indelével da fenomenologia de Husserl. O dado fenomenológico não é produto de uma síntese intuitiva ou de uma dedução e generalização, ele é basicamente o fato que se atesta e se compreende a relação necessária entre mundo interno com seu conteúdo imanente e a consciência de sua objetividade própria, como evidência dada e em interconexão a outra objetividade real e transcendente. Esta última pode continuar a ser pensada como o fato positivo da ciência ⁷.

Essa forma de pensar a intuição, na vivência intencional, busca romper, acima de tudo, com a problemática da anterioridade, numa perspectiva naturalista, de modo ainda mais radical do que aparentemente é a proposta de Brentano. Nesse sentido, no dado intuitivo fenomenológico, não haveria uma necessidade de situar os fatos e suas causas externas e o elemento transcendente não é questionado. Mas agora, como as vivências esclarecem, em função de seus vários gêneros, o sentido das correlações que aparecem como condição para o mero ver das objetividades (intuições) no mundo, basta conhecer as várias correlações possíveis e pode-se tranquilamente abdicar de qualquer posição real e transcendente e, por

⁶ O universo *hilético* ou *a priori* material em Husserl.

⁷ Essa dimensão da fenomenologia em relação à ciência é destacada de modo zombeteiro por Max Scheler, ao se referir a certa autonomia para os fatos ou dados fenomenológicos, ele afirma: "num positivismo e um empirismo radicalíssimo!" Cf. SCHELER, M. Fenomenología y gnoseología. In: La esencia de la filosofía y la condición moral del conocer filosófico. Trad. Ilse M. De Brugger. Buenos Aires, Editorial Nova, 1962.

consequência, do problema da causalidade e da questão da anterioridade ⁸. O objetivo da ciência pode continuar a ser a compreensão da funcionalidade desse mundo transcendente, em seu sentido causal, sem que isso tenha qualquer sentido negativo para a pesquisa fenomenológica. Antes, o contrário, quanto mais campos explicativos sobre o objeto transcendente possam ser deslindados em novas perspectivas, mais a fenomenologia pode compreender correlativamente, o sentido intencional das objetividades ali encontradas, em sua mediação aos campos intuitivos. A consciência em sua relação com o dado se torna abertura para o espírito ou para o mundo objetivo das objetividades (vivências intencionais).

Ao fim e ao cabo, a caracterização do elemento intuitivo enquanto dado fenomenológico retorna para o que está aí mesmo, nas coisas, na percepção cotidiana e na ciência, mas que agora deve se definir como um aparecer intencional (como inexistência) em modos diversos de objetivação. Neste momento, Husserl, entretanto, fará uma declinação em seu percurso de trabalho, no que é chamado, desde então, de um giro idealista em seu pensamento. Aparentemente esse encaminhamento sempre fez parte de suas pretensões filosóficas, desde as *Investigações Lógicas* (PORTUGAL, 2022) ⁹. Em comum com Brentano, a pretensão de estabelecer critérios distintivos para o conhecimento. O primeiro, especificamente para a psicologia, mas Husserl busca estes critérios como registro último de justificação da ciência. O filósofo busca criar condições apodíticas para o conhecimento num esforço de formalização e de fundamentação absolutas. (DEODATI, 2020). Se o dado apareceu como ponto de partida ontológico para uma caracterização lógica e estrutural do conhecimento, as reduções irão surgir como tentação inevitável para Husserl: buscar em determinação nova, neste sentido intuitivo, imediato e objetivo dos atos e da consciência, o esclarecimento das determinações essenciais e fundantes do saber, por oposição à resposta naturalista e causalista a essa questão (HINTIKKA, 2003). A partir daí, busca-se colocar entre "parênteses" o mundo dado como transcendente, para descrever e analisar como ocorre na imanência da consciência o processo intuitivo de 'doação' de sentido deste mundo. É uma exigência do projeto de Husserl que o conhecimento tenha uma fundamentação *a priori* e absoluta, portanto, não se trata só de desvelar o caráter tético do dado intencional. Para o autor, entende-se, há questões outras e maiores em jogo, sendo a principal delas, desentranhar descritivamente da *intentio* os sentidos diversos e os níveis em que as objetividades aparecem na consciência, de modo a estabelecer também o conteúdo de fundamentação e justificação transcendental das objetividades do mundo (MADUREIRA, 2017).

33

⁸ Aqui aparece a questão da *Epochè ou da redução* em Husserl, como método de acesso intuitivo ao mundo, por excelência.

⁹ Cf. HUSSERL, E. A ideia da fenomenologia. Trad. Artur Morujão. Lisboa, Edições 70, 2008, especialmente ver a introdução da edição e os comentários dos editores, que tem informações sobre a nascente polêmica e a crise vivida por Husserl em função do destino de suas pesquisas e as críticas de seus colegas filósofos nos anos de 1907 em diante; pp. 9-15.

3 A REAÇÃO À DERIVAÇÃO HUSSERLIANA - REALISMO FENOMENOLÓGICO

Como é do conhecimento de todo aquele que adentra ao circuito das resenhas fenomenológicas – mesmo antes de entender o que é o dado fenomenológico ou o que é o conceito de intuição – que surge sempre o tema da forte reação de uma série de fenomenólogos, desde os alunos até os colegas filósofos, ao giro idealista de Husserl. Bem como Brentano, Husserl é acolhido primeiramente, mas imediatamente criticado, por seu encaminhamento posterior à caracterização da vivência intencional (PORTUGAL, 2022) ¹⁰.

Em primeiro lugar, destacam-se os filósofos da chamada Escola de Göttingen, que foram bastante enérgicos em rechaçar a perspectiva de Husserl sobre a redução fenomenológica e transcendental e a definição de um Ego Puro e Transcendental ¹¹. De modo geral, os filósofos dessa escola, com destaque para Max Scheler buscam determinar o sentido da objetividade encontrada no dado fenomenológico. Sendo assim, focam-se nas descrições fenomenológicas da materialidade objetiva e buscam analisar em que medida se pode tratar das essências e sua interconexão essencial aos diversos objetos transcendentais do mundo. Constrói-se assim uma teoria fenomenológica dos âmbitos da realidade, uma rede de descrições que visa dar conta do sentido essencial do aparecer objetivo dos objetos em correlação também com sua realidade física ¹². Desta forma, o sentido desse realismo fenomenológico não se esgota nos objetos das ciências naturais, ele se estende para todas as categorias objetivas, também no âmbito dito social e existencial. A crítica dos autores da escola de Göttingen se foca, portanto, em direcionar, em alguma medida, para fora da objetividade intuída nos atos, de modo a descobrir o caminho que leva dos atos à sua concretização em instituições mundanas e em perspectivas científicas ou naturais. Aqui temos uma fenomenologia da essência da vida, da essência do direito e da essência da pessoa, etc. Mas, em absoluto, não existe uma fenomenologia transcendental.

Na mesma esteira dessa reação podemos encontrar Heidegger, que perceberá no modo realista dos autores supracitados uma postulação ainda categorial e reflexiva da objetividade. Uma definição que ainda busca referir a objetividade à constituição da dimensão transcendental humana ou naturalizante e científica da natureza. Heidegger buscará outra via que aborda não mais a essência das coisas em sua materialidade e direcionamento à dimensão transcendente, mas o como do acesso propriamente humano, dado não numa dimensão reduzida, deve ocorrer.

¹⁰ Cf. também FIDALGO, A. C. O realismo da fenomenologia de Munique. Covilhã, LusoSofia Press, 2011.

¹¹ A mais enérgica das detratoras foi a filósofa Hedwig Conrad-Martius (1888-1966), que critica Husserl por assumir compromissos metafísicos em seu giro idealista, deixando de lado um vasto campo de trabalho independente da dimensão transcendental da consciência, que é o âmbito da ontologia fenomenológica, com suas regras, objetivos estratégicos e metodológicos.

¹² Por exemplo, o sentido do conceito de resistência (*Widerstand*), conceito limite para tratar das impressões vitais sobre um corpo próprio (*Leib*) Cf. SCHELER, M. A posição do homem no cosmos. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.

Estando no mundo, como opera o ente humano, na medida em que, por função de seus atos e de sua capacidade intuitiva, ele é o produtor de sentido?

Heidegger busca desvendar os sentidos objetivos dados pelo homem que são estruturais para sua existência efetiva. A existência implica a solidificação de perspectivas intuitivas, que passam a agir como cotidianidade e como os sentidos do ser que aparecem no mundo. Ali, o autor procurará descrever tanto este elemento dos sentidos do ser existente no mundo, quanto os possíveis caminhos existenciais outros, para modos de existir mais próprios ao ser humano, quem tem a possibilidade de compreensão de si mesmo como *Dasein* (SCHULZ, 2023). Mesmo com toda a especificidade técnica, linguística e de objetivos da hermenêutica heideggeriana, em sua diferenciação às teorias essencialista e às ontologias fenomenológicas e das objetividades materiais, Heidegger também se situa na antípoda realista de Husserl, como os filósofos de Göttingen, porque também busca descrever e se direcionar ao sentido real e efetivo da ação intuitiva do homem no mundo. A questão da realidade aqui é que o autor não se foca no conteúdo essencial das intuições, mas somente nas determinações existenciais da existência, como condição para a postulação da ontologia fundamental, buscando esclarecer em outras bases intuitivas, a forma como se produz significativamente mundo.

O que deve ser enfatizado, entretanto, na polêmica contra o transcendentalismo de Husserl são quatro pontos (PORTUGAL, 2022):

- Renúncia aos estudos de Husserl posteriores a 1913, quando da aparição de *Ideias I*. Fixação nos trabalhos do momento das *Investigações Lógicas*, tomada como a proposta realmente fenomenológica de Husserl.
- Foco na fenomenologia como método ou instrumental para descrição das objetividades e não como filosofia fenomenológica ou como ciência da consciência transcendental.
- Valorização do problema do mundo e da visão natural de mundo, em seu sentido correlativo à realidade transcendente, que ultrapassa em seu próprio sentido de acontecer da existência, o potencial intuitivo do dado fenomenológico como elemento da consciência categorial.
- Destacar na definição do mundo e no sentido de sua objetividade a determinação pré-categorial, pré-reflexiva e paradoxalmente pré-objetiva (real). Portanto, buscar cada vez mais definir a objetividade por oposição a uma posição reflexiva e destacar o perigo iminente da perspectiva de Husserl que botaria a perder a conquista intuitiva do dado fenomenológico, da compreensão das coisas em si mesma, em função do antirrealismo das descrições transcendentais.

É preciso, deste modo, destacar o impacto negativo advindo da derivação idealista em Husserl, nestes autores. De algum modo, toda a ênfase excessiva que será acomodada ao conceito intuitivo do dado e ao sentido da doação das objetividades, tomada em acepções como: pré-reflexivo, pré-compressivo, pré-objetivo, pré-predicativo é uma sublevação destes filósofos contra as tentativas de

fundamentação e justificação absoluta da ciência em Husserl ¹³. O que fica claro é a tentativa de evitar qualquer aproximação com a nova compreensão husserliana do dado fenomenológico (transcendência na imanência). Segundo estes autores realistas, essa derivação poderia colocar a fenomenologia na esteira de teorias ficcionalistas (convencionalistas) e antirrealistas do conhecimento.

4 MERLEAU-PONTY: RECORDAR, REPETIR E ELABORAR

O tom jocoso que é utilizado para situar o momento de Merleau-Ponty no texto, se refere tanto ao processo, quanto ao sentido de seus atlânticos esforços para tentar dar conta de uma reelaboração para o sentido do dado fenomenológico. Assim, ao utilizar a ideia do processo analítico tal como descrito por Freud, visa-se descrever o que se vislumbra no trabalho de Merleau-Ponty, recordar e repetir, incessantemente as problemáticas e os erros da tradição, mas em alguma medida, problematizar a si mesmo, e, correlativamente, à própria tradição, para arriscar-se a relançar e a reelaborar o questionamento de Brentano em novas bases.

Merleau-Ponty fez, na concepção de (SACRINI, 2007), o seguinte percurso intelectual. Lidou em seu primeiro esforço descritivo, no texto a *Fenomenologia da Percepção* de 1945, com a dimensão da percepção e da corporeidade como condição básica para a assimilação do aparecer intuitivo das coisas. Aqui o ser é o ser para mim, o dado fenomenológico condicionado numa dimensão subjetiva, que é, sobretudo, sensível e motora. Por outro lado, a proposta acabou por criar uma anulação da crença sobre o sentido da objetividade do mundo, uma vez que esta sempre está como que nivelada ao seu acesso corpóreo e vital. Há uma flagrante postura idealista relativamente ao conhecimento, o que vai de encontro ao idealismo husserliano.

O segundo movimento, por assim dizer, conseqüente a uma autoanálise mediada pela psicologia da Gestalt, é reativo, ocorrendo de modo similar à réplica dos fenomenólogos de Göttingen e de Heidegger à Husserl. Merleau-Ponty, no período que decorre nos anos de 1956 até 1960, faz um giro em direção à ontologia da natureza e do corpo sensível, com claras tendências realista. Estas serão indicadas na sua renovada leitura, que visa esclarecer os limites e as possibilidades de assimilação da objetividade do mundo através da sensibilidade.

Sendo assim, então qual é a concepção de Merleau-Ponty sobre o dado fenomenológico, uma vez que essas concepções parecem incompatíveis? Para além do fato que o filósofo francês repete a trajetória da problematização sobre o dado fenomenológico, de modo similar ao que ocorrera nas querelas da tradição, é patente o sentido inglório da tarefa: dar uma nova cara para a problemática tal como até então fora deslindada, uma vez que permanecem pressupostas e renitentes as dificuldades entre o idealismo e realismo fenomenológico: Não se deve deixar levar

¹³ É importante destacar também que essa postura reativa irá levar estes autores a uma vertente fenomenológica que será taxada, de modo irrefletido, ainda que não necessariamente errônea, como irracionalista, anticientífica, metafísica e também anti-intelectualista.

por nenhum ponto de vista dito transparente, egóico ou transcendental, mesmo que formulado no limite intencional do corpóreo. Também não é correto aceitar como evidência última o sentido da objetividade e materialidade intuitiva, de modo estabilizar a ontologia dos objetos, nem mesmo para os sentidos compreensivos da objetividade no *Dasein*. Merleau-Ponty, de algum modo, está na mesma situação que Brentano.

A tentativa de repensar o sentido do dado em sua objetividade passou pela descoberta da perspectiva da Gestalt, que envolve um modo de apresentação novo para os componentes intuitivos. A concepção da relação sensível enquanto acesso ao mundo é teorizado na forma das relações de aparecimento e desaparecimento objetivo dos objetos tal como ocorre na percepção da figura e do fundo, tematizada pela Gestalt (MÜLLER, 2022) ¹⁴. Merleau-Ponty pode mirar assim, no movimento de redesenho do dado intuitivo, no sentido de uma síntese que localiza o dado no âmbito da existência, sem retirar-lhe os predicados doadores de sentido no campo perceptivo e corpóreo, e, ao mesmo tempo, não evocar nenhuma categoria transcendental e epistêmica, que tenha validade com anterioridade para dar conta da objetividade do dado.

Sua resposta parece se encaminhar de modo a enfatizar o sentido e a autonomia do dado fenomenológico, ou dito de outro modo, autonomia do fenômeno psíquico, em si mesmo. Para isso ele busca auxílio tanto em um Husserl depurado, como também em Freud (SCHMIDT, 2014) ¹⁵. Aqui o que entra em jogo é uma explicação do mecanismo das vivências intencionais com base na dimensão da pulsão e no modelo operativo da descrição das sínteses passivas (VAN HOOFT, 1979). A atuação dinâmica do dado como produtor de *gestalts* (todos perceptivos) se deve, portanto, ao fato do homem ser um ente pulsional e temporal. Assim, o autor vai indicar na própria corporeidade humana a condição de base para o sentido intuitivo do dado, na medida em que, no corpo, a vivência intuitiva absolutizando-se por sua remissão no tempo, descreve a copresença de uma outridade, o sentido das alteridades do mundo, bem como do outro sensível e comum da natureza (copertencimento à natureza na carne). Neste ato, Merleau-Ponty pode enfatizar ontologicamente o caráter ambíguo da vivência e do dado fenomenológico (HONÓRIO, 2012).

O dado, pensado estaticamente por Husserl em seus primeiros trabalhos, bem como pelos fenomenólogos realistas adeptos da ontologia regional e, além disso, estabilizado como doador de sentido e projeção de decisões existenciais na acepção heideggeriana, se transforma em Merleau-Ponty devido a sua concepção gestáltica e psicanalítica, numa *conditio ambigua* e corporal. O dado é, ao mesmo tempo síntese passiva e inconsciente, que, no sentido de sua objetividade corpórea está sempre, em

¹⁴ O autor destaca como os psicólogos da Gestalt foram alunos de Husserl, mas buscaram um encaminhamento científico para a problemática da percepção, o que não vai coadunar com os interesses de Merleau-Ponty.

¹⁵ É interessante pontuar sobre a amizade e troca de conhecimentos entre Merleau-Ponty e Jacques Lacan, aquele que, para muitos faz um retorno à Freud após as derivações e polêmicas clínicas e metapsicológicas relativas à história da psicanálise. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que Merleau-Ponty será o realizador de uma primeira tentativa de depuração e um tipo de retorno à Husserl.

alguma medida referido à realidade e a algum tipo de estabilidade espacial. Mas é, ao mesmo tempo, a dinâmica da mudança de sua própria objetividade, no fluxo das percepções e modificações de perfis entre figura e fundo que decorrem daquela síntese incessante das vivências temporais e que atuam em copresença ao ente. O dado ganha um tipo de autonomia em Merleau-Ponty que não encontrou nos teóricos anteriores. Mas, na sua condição ambígua, ele supera uma posição reflexiva?¹⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde Brentano, a fenomenologia problematizou a questão do dado intuitivo por meio de duas questões chave: Lidar com o transcendente e real, sem prejuízo de suas determinações e caracterizar de modo consequente o que se chama de objetividade imanente da intuição. Intuir e ver fenomenologicamente implica ver o real, aí, mas vê-lo também em múltiplos sentidos de ser. Para a fenomenologia é tarefa emergente, definir o conteúdo da in-existencial intencional da intuição e não bastaria dizer: existe uma intuição com significações e ela é o fenômeno psíquico. Se ela existe, o que ela implica ontologicamente? Para Husserl implica a própria composição da consciência e, além do mais, seu sentido absoluto e transcendental, como ordem de justificação final do conhecimento do mundo. Para os fenomenólogos de verve realista significa intuir o direcionamento dos atos que desdobram as referências ontológicas, como objetividades dadas em apontamento à realidade transcendente. Esse processo de referência geográfica cria uma ontologia regional, mas também uma analítica do Dasein. A geografia da ontologia regional visa o todo essencial estático e distante, a analítica do Dasein, o próximo hermeneuticamente constituído na dimensão existencial e na dinâmica da temporalidade enquanto modos de objetivação e sentido de ser. Para Merleau-Ponty, o dado fenomenológico será referido à própria corporeidade perceptiva, numa tentativa de não se referir aos erros das tendências realista, existencialista e transcendental. O caráter do dado, no entanto, a partir do próprio corpo e sua aparição como *gestalt* e pulsão é uma ambiguidade, que carrega em si como condição inerente o *locus* do questionamento brentariano.

O que torna problemática e polêmica as diversas derivações dos grandes fenomenólogos do Séc. XX parece ser não o esclarecimento do sentido da vivência intencional, mas sua localização ontológica posterior. Há, portanto, na forma como os autores percebem o dado, um problema metafilosófico, que se refere ao ponto de partida teórico. Na filosofia moderna havia um problema epistemológico. Em alguma medida a desinência husserliana visa resolver essa problemática, mas se perde nas prescrições de anterioridade na dimensão transcendental, porque se adéqua ao ponto de vista epistemológico que é dito moderno. No realismo

¹⁶ Tanto para Sacchini (2007) quanto para Muller (2022), mesmo com a postulação de uma intuitividade ambígua, Merleau-Ponty não supera a aporia implícita na formulação do problema da intencionalidade e do sentido intuitivo do dado fenomenológico.

fenomenológico, o campo da crítica ao realismo metafísico aparece em pano de fundo, na medida em que a análise das intuições e suas essências apresentam campos ontológicos e lógicos possíveis, mas sempre com uma demanda por um fechamento epistêmico ao objeto descrito correlato ao mundo transcendente. A Antropologia Filosófica não finalizada de Max Scheler visava fazer essa grande apresentação de toda a base de dados fenomenologicamente reduzidos como uma Metafísica do Humano (SCHELER, 2003). A perspectiva heideggeriana visando uma ontologia fundamental e uma analítica da existência cria o problema de desapropriar os outros campos de suas próprias possibilidades, elaborando um transcendentalismo às avessas no existencialismo.

Em certo sentido, todos os pontos de partida, apresentam pontos cegos e implicações problemáticas. Mas o que se visa em toda medida é um perspectivar não reducionista dos objetos, mesmo quando se trata de objetos que só podem ser postulados por uma visada quase ingênua num realismo fenomenológico ou mesmo numa visada transcendental. Por isso, em alguma medida, a postulação desses caminhos antagônicos e não paralelos remete à problematização da aporia moderna. Sempre, na análise das polêmicas fica a sensação de um retorno fantasmagórico na fenomenologia, do problema do idealismo e do realismo? Logo, ao que parece, está-se aqui, de certo modo, à mercê do destino imposto pela formulação da questão por Brentano: A derivação simbólica imposta pelo pai, ou como alguns dizem, pelo avô da fenomenologia, gerou uma fissura, uma marca inelutável e indelével na caracterização do dado fenomenológico (STEGMÜLLER, 1977)? A asserção cabe para nos lembrar do problema do destino e da origem das questões filosóficas. A inovação de Brentano, sua releitura dos medievais, aparentemente trouxe consigo incrustada uma "suprassunção mal elaborada" do problema epistemológico da modernidade ¹⁷.

Em conclusão, como se vê, para a fenomenologia, o menor dos problemas é lidar com o sentido do conceito de intuição ou mesmo de intenção, quando referido ao conteúdo da objetividade, algo que é tão questionado e problematizado na tradição analítica. Menos ainda, definir a doação, como se fosse um tipo de mito do dado, pois o dado não tem nada de fantástico, mágico ou funcional ¹⁸. Um mero verbo pode ajudar a descrever e a compreender o sentido deste dar-se intuitivo, como ser que está aí, na nossa visada factual e nada mais ¹⁹. Daí para frente, todo o problema da locatividade e das condições de existência daquilo que aparece no dado

¹⁷ MÜLLER (2022) tenta mostrar que essa questão tem uma raiz de princípio compreensivo e histórico. Em suas palavras: "o que escapou no tratamento fenomenológico à noção de intuição e que complicou a vida dos filósofos foi justamente a exigência de "passividade" implícita à noção de dado. Os fenomenólogos – como versões ultrarromânticas da noção de luminosidade ou esclarecimento – nunca souberam como conciliar a ideia de luz (conhecimento, compreensão, engajamento, percepção) com a passividade exigida pelo dado".

¹⁸ Existe toda uma enorme discussão em torno do sentido do que se chama ato de doação intuitiva, a partir da crítica de Wilfrid Sellars com a ideia do Mito do dado: "*Myth of the Given*".

¹⁹ Verbos de atitude proposicional podem ser pensados como os correlatos semânticos das vivências intencionais, que devem ser avaliadas em termos ontológicos ou para definir o caráter tético dos atos como doadores de sentido ou no que indicamos como realismo fenomenológico, para indicar a referência dos objetos transcendentais às redes intencionais subjacentes.

toma frente. O que existe? O âmbito transcendental espiritual e a transcendência na imanência de Husserl? Ou só o *Dasein* e seus modos de doação compreensiva da existência no mundo? Ou mesmo só as essências relativas à constituição das objetividades e seus correlatos coisas? Ou só a corporeidade pulsional?

Mas, aparentemente, em fenomenologia tudo isso existe e nada disso é supérfluo ou contraditório com outras perspectivas, apesar das querelas internas dos autores. Determinam-se locações muito específicas do conhecimento implicando como a fenomenologia tem em si mesma uma aspiração para a tarefa de filosofia primeira. Portanto, a conquista de um sentido formal para o conceito de dado, como intuição imediata de uma objetividade, preenchida em modalidades diversas de evidência, produtora de significações para o mundo das essências e para a existência, envolvendo a necessária ambiguidade das perspectivas, cria todo um campo bastante inovador para a filosofia, na fenomenologia. O dado amplia o olhar de modo exponencial aos objetos reais, imaginários, existenciais e transcendentais. Nem mesmo, o reino da lógica e da matemática escapa do mito do dado intuitivo, mas essa é, também, outra história ²⁰.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Trad. Maria Adriana C. Capello. 1ed. São Paulo, Edipro, 2020.
- CARROCIO, A. La realtà presuntiva del mondo: osservazioni sul concetto di fenomeno a partire da Husserl. In: *Babelonline*, Roma, Nuova Serie, nº6, 2020, pp. 95-107.
- CERAGIOLI, L.; LUPORINI, V. Intuition is not (always) immediate, and this is good news! In: *Bulletin d'Analyse Phénoménologique*, Liège, XIX, 3, 2023 (Actes 13), pp. 180-204.
- COBB-STEVENS, R. Being and categorial intuition. In: *The Review of Metaphysics*, Vol. 44, No. 1 (Sep., 1990), pp. 43-66.
- DAHLSTROM, D. Heidegger's transcendentalism. In: *Research in Phenomenology*, Vol. 35 (2005), pp. 29-54.
- DEODATI, M. Ciò che è confuso e tuttavia più manifesto. In: *Babelonline*, Roma, Nuova Serie, nº6, 2020, pp. 81-95.
- FIDALGO, A. C. *O realismo da fenomenologia de Munique*. 1ed. Covilhã, LusoSofia Press, 2011.
- FILHO, L. M. N. *Brentano e o conceito de objeto intencional: Uma leitura paradigmática a partir de Twardowski*. Florianópolis, SC. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- GAK, M. Heidegger's Ethic's and Levinas's Ontology: Phenomenology of prereflective normativity. In: *Levinas Studies*, Vol. 9 (2014), pp. 145-182.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Márcia S. Cavalcanti. 10ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.
- HINTIKKA, J. The notion of intuition in Husserl. In: *Revue Internationale de Philosophie*, Vol. 57, No. 224 (2), HUSSERL (JUIN 2003), pp. 169-191.
- HONÓRIO, J. *A má ambiguidade na filosofia de Maurice Merleau-Ponty*. Florianópolis, SC. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Trad. Artur Morujão. 1ed. Lisboa, Edições 70, 2008.

²⁰ A polêmica entre Frege e Husserl, que se refere tanto à matemática quanto aos problemas de significação e predicação dos objetos.

- _____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Suzuki. 1ed. Aparecida, SP, Ideias & Letras, 2006.
- _____. *Investigaciones Lógicas*. (2v) Trad. Manuel G. Morente y Jose Gaos. 1ed. Madrid, Alianza Editorial, 1982.
- KIDDER, P. Husserl's paradox. In: *Research in Phenomenology*, Vol. 17, (1987), pp. 227-242.
- KÖHNKE, K. C. *Surgimiento y auge del neokantismo: la filosofía universitaria alemana entre el idealismo y el positivismo*. Trad. José Andrés A. Quiroz. 1ed. Ciudad de Mexico, Fondo de Cultura Economica, 2011.
- LECLERCQ, B. Introduction: Questionner l'evidence intuitive. In: *Bulletin d'Analyse Phénoménologique*, Liège, XIX, 3, 2023 (Actes 13), pp. 1-15.
- MADUREIRA, J. T. *Intencionalidade e consciência pura: A constituição do resíduo fenomenológico como acesso ao mundo na fenomenologia transcendental de Husserl*. Belo Horizonte, MG. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.
- MERLEAU-PONTY: *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto R. Moura. 5ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- MÜLLER, M. J. *Intimidad, coexistencia y clínica: Lecturas gestálticas en Fenomenología y Psicoanálisis*. Florianópolis, Usina Dizer Editora, 2022.
- PERREAU, L. *Ce qui va de soi : sur la naturalité de l'attitude naturelle (de Bourdieu à Husserl)*. In: *Bulletin d'Analyse Phénoménologique*, Liège, XIX, 3, 2023 (Actes 13), pp. 47-63.
- PICKSTOCK, C. The phenomenological given and the hermeneutic exchange: Which holds priority? In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 76, Fasc. 2/3, Deus na Fenomenologia Francesa: God in French Phenomenology (2020), pp. 715-728.
- GONZÁLEZ PORTA, M. A. G. *Estudos neokantianos*. Trad. Diego Azzizi et al. 1ed. São Paulo, Edições Loyola, 2011.
- PORTUGAL, V. Göttigen contra Husserl: The transcendental turn and its Discontents. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 78, Fasc. 3, Os Discípulos Esquecidos de Husserl / Forgotten Disciples of Husserl (2022), pp. 877-916.
- SACRINI, M. O realismo metafísico de Merleau-Ponty. In: *Cadernos de História de Filosofia da Ciência*, Campinas, Série 3, Vol. 17, nº1, 2007, pp. 7-30.
- _____. Sujeito perceptivo e mundo em Merleau-Ponty. In: *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, Vol. 5, nº 1, pp. 193-206, Abril, 2008.
- SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*. Trad. Marco A. Casanova. 1ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.
- _____. *Fenomenología y gnoseología*. In: *La esencia de la filosofía y la condición moral del conocer filosófico*. Trad. Ilse M. De Brugger. 2ed. Buenos Aires, Editorial Nova, 1962.
- SCHMIDT, G. R. *Corpo, natureza, carne: Merleau-Ponty e a reabilitação do naturalismo freudiano*. Florianópolis, SC. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- SCHULZ, M. Dans quelle mesure l'intuition herméneutique est-elle immédiate? Sur la réceptivité propre au comprendre chez le jeune Heidegger. In: *Bulletin d'Analyse Phénoménologique*, Liège, XIX, 3, 2023 (Actes 13), pp. 87-106.
- SMITH, C. The notion of object in the phenomenology of Merleau-Ponty. In: *Philosophy*, Vol. 39, nº 148, (Apr - 1964), pp. 110-119.
- STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea: Introdução crítica (Vol. I)*. Trad. Carlos Alberto R. Moura. 1ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- VAN HOOFT, S. Merleau-Ponty and the problem of intentional explanation. In: *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 40, nº. 1 (Sep., 1979), pp. 33-52.

Aoristo))))))

International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics

Submetido: 04 de julho de 2023

Aceito: 04 de agosto de 2023

42

A trajetória do dado fenomenológico (1874-1945): De Brentano a Merleau-Ponty, o panorama das ideias e as polêmicas